

LUZ NA GALERIA
A Manuel Bandeira: Homenagem
Minha e de Uma Rua

I

Num tempo muito cedo em minha vida
Várias vezes visitei Tia Rosinha
Na sua casa da Rua da União.

O vento vinha do mar sobre os sobrados antigos
Do velho Recife: passava sobre a confluência
Dos dois rios da cidade – de águas tão diferentes!
E vinha balouçar-se nos ramos das “Casuarinas”
Da Escola Normal: balouçar-se e . . . plangentes.
– Os bicos das aves que havia no vento
Bicavam o liso reboco das casas da rua,
E nele abriam pequeninos orifícios. . .
Nele, naquele reboco, liso e vidrado como se fosse de louça.

Pela calçada da Assembléia,
Ao longo da Rua arborizada de “Carolinas”
Sempre de grandes frutos carregadas,
– Frutos cor de batina de padre franciscano –
Passavam as normalistas,
Os estudantes passampassavam, do Ginásio Pernambucano.
– Na paz recifense da tarde presente/perene, e quieta,
Havia um pressentimento de que ali,
Alguns anos atrás, também passara um poeta.

II

Num sobrado da Rua da União,
Entre as ruas do Príncipe e Riachuelo,
Desfiaram-se as minhas primeiras horas de trabalho;
Era defronte do pequeno jardim do Senado
– Jardim de um canteiro somente – do qual um meu amigo,
– Excelente mentiroso – e, ali, alto empregado,
Era o “jardineiro”.
Nesse trecho de rua moravam lindas moças morenas,
Lindas moças muito brancas moravam. . .
Da prancheta em que desenhava, no primeiro andar,
Vi-as de longe, nos seus vestidos claros e leves,
Num passo tranqüilo, conduzindo e ondulante,
Quase sempre na direção da Rua da Aurora.

Para esta rua saía, às quatro da tarde,
Com os meus companheiros de trabalho;
– Rua do Sol, pela manhã, e, à tarde, de sombra;
Rua da margem do rio, de calçadas prediletas. . .
– Tinha-se a impressão que conosco, às vezes,
Conosco, ao nosso lado, ia também um Poeta.

III

No trecho que termina na Rua Formosa,
Numa de suas casa, a Rua da União me foi moradia;
Era uma casa de corredor independente,
Daquelas que conservam em mistério a sala de visitas;
– Tinha/tem um sótão com janela para a rua,
De onde se viam as palmeiras da Igreja dos ingleses.

Uma noite me chamaram: alguém me procurava;
Desci a escada do sótão, fui até o corredor;
Diante de mim, sorrindo,
Estava um poeta: Manuel Bandeira;
Estava presente, o pressentido – duas vezes – naquela Rua.

Falou-me de Nicolaus Lenau, de Maurice de Guérin,
De Gonçalves Dias, de Antonio Nobre, de. . . de. . . de. . .
E vi, e contemplei/compreendi.
– Através dele: Um – um por um – todos os que vivem
[em poesia

– Estava presente, o pressentido.

Na/da Rua da União passou/saiu para o Mundo
Um grande Poeta: Manuel Bandeira.